

Aprovado o Estatuto da UNI

"Essa idéia de união nasceu de muito sofrimento da nossa gente".

Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, realizou-se a 3ª Assembléia Indígena promovida pela União das Nações Indígenas - UNI, com objetivo de fortalecer a organização dos povos indígenas do Brasil. Os dias 6 e 7 de setembro deste ano, tornaram-se para esses povos, um marco histórico no fortalecimento das lutas contra seus inimigos. A UNI é afirmação vigorosa da conquista do direito à autodeterminação indígena. Participaram do Amazonas, dois representantes indígenas: Lino Pereira, da nação Miranha, e Raimundo Ferreira, líder Sateré-Mawé.

Nessa reunião foi aprovado o Estatuto da UNI e escolhido o 2º secretário e 2º tesoureiro, inseridos na diretoria provisória, composta dos elementos: Domingos Veríssimo Marco, Terena (presidente), Marçal de Souza, Guarani (vice-presidente), Paulo Bonifácio, Terena (secretário), Calixto Francelino, Terena (tesoureiro), Reginaldo Miguel, Terena (2º secretário) e Marcelino Pereira (2º tesoureiro).

Estiveram presentes 30 líderes das nações Terena, Guarani, Kayowá, Sateré-Mawé e Miranha. Como jornalista do Porantim, Raimundo Ferreira, líder Sateré, fez a cobertura, gravando a Assembléia.

As finalidades da UNI, de acordo com o estatuto são:

- Representar as Nações Indígenas e Comunidades que dela vierem a participar.
- promover a autonomia cultural e a auto-determinação das Nações e Comunidades e sua colaboração recíproca.
- promover a recuperação e garantir a inviolabilidade e demarcação de suas terras, e o Uso exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes.
- assessorar os indígenas e suas Comunidades e Nações no reconhecimento de seus direitos e na elaboração e execução de projetos culturais e de desenvolvimento comunitário.

VOZ INDIGENA

RAIMUNDO, Sateré-Mawé: "Vim participar e gravar para sair no PORANTIM. Estou feliz, contente. Só com a união conseguimos os objetivos e todos unidos podemos criar uma grande nação. Eu sou funcionário da FUNAI há oito anos.

Agora mesmo brigamos e eu vim por minha conta. Surgiu esse ano uma estrada que já passar pelas aldeias de meu povo, a Maués-Itaituba. Delegado, Chefe do Posto, todos calaram.

Prefeito de Maués (AM) reuniu os líderes indígenas e saiu a notícia de que os tuxauas concordaram com a estrada que já atravessará 3 malocas. Dia 18 de maio/80, fizemos assembléia reunindo 592 pessoas, e decidimos não aceitar a estrada. Conseguimos tirar também o encarregado do Posto agindo dentro da lei. Depois da Assembléia fui com todos eles procurar o prefeito e dissemos que a estrada ia ferir nosso povo, que só ia beneficiar os grandes milionários, não os índios.

Fomos a Manaus, levamos a gravação da Assembléia nos jornais, na Delegacia da FUNAI, no CIMI. Hoje sou muito odiado na FUNAI. Eles escreveram o Estatuto mas não obedecem. Agora, vão desviar a estrada. Assim, todos nós unidos, para fazer a UNI, importa que sejamos índios. Todos unidos vamos vencer."

MARÇAL, Guarani: "Então é uma VITÓRIA. A UNIÃO vai dar força."

DOMINGOS, Terena: "Eu queria ouvir as notícias dos Kayowá de Piracua."

MARÇAL, Guarani: Venho trazendo este grupo. Venho representando uma aldeia que até agora era desconhecida. Fica 30 km. de Campeste, município de Bela Vista (MS). Fazendeiros estão pressionando violentamente... expulsar sem destino é matar. Fiz relatório para a FUNAI. Delegado gostou do relatório, mas quero trabalho, realização. Quando visitamos Piracua encontramos índios morando ali. É uma floresta virgem, enquanto que ao redor está tudo rapado, tudo tem dono, pisado pelo gado, desmatado. Agora os Kayowá estão passando dificuldades. Apareceu um arrendatário, um paraguaio, que quer desmatar ali. Apoiado por fazendeiro, está querendo jogar os índios fora, por dinheiro. Nós vamos ganhar a causa, porque somos um povo unido. lutamos por todas as nações. Não se amedrontem (falando para os representantes de Piracua). Se fazendeiro mandar recado, manda dois de volta.

LUIZ, Kayowá de Piracua: Nós somos nascido e criado naquela redondeza lá. E os fazendeiros fazendo medo pra nós sair de lá. Somos bastante. Temos filhos pra criar. Não podemos sair de lá, acostumados com aquele lugar.



DOMINGOS, Terena: Então vamos agora escutar a história do Lídio, lá do Rancho Jacaré.

LÍDIO MORAES, Terena: Sou do Rancho Jacaré, da Maciel Cue. Tá aqui todos nossos patrícios, primeira vez em Campo Grande. Fazendeiro começou, desde 1976, a fazer medo para tomar a nossa terra. Queimou 18 casas. Chegou na minha casa, falou: "este ano você não planta mais, três dias vocês tem para desocupar, senão eu vou trazer a polícia". Era Eduardo Prates, filho do fazendeiro. Perguntei a ele: "quem manda mais?" "É meu pai", respondeu. "Então, chama seu pai para nós conversar". Diz que ele é o dono da terra. Com 3 dias chegou o pai dele. "Olha, nós vamos tirar vocês daqui". "O senhor é dono da terra?", perguntei e ele respondeu "Eu tenho escritura". "Aonde pegou?" "Do governo". "E o Governo, de onde pegou a terra?" "Não sei". Nossa tribo é quem primeiro estava no Brasil. Será possível perder nossa terra? Esse problema que eu tou dizendo que aconteceu lá na fazenda Cia. Mate Laranjeira.

DOMINGOS, Terena: Aí a notícia do companheiro Lídio que foi atingido também. Então essa é a nossa meta - unir. Se não unir, não procurar dialogar a situação vai piorar. A política do governo e fazendeiros não tá visando só na terra. Tão idealizando agora enfraquecer a economia, não auxiliando. Prometem, mas não fazem nada. Se a gente não unir, lutar, quem vai ajudar nossos problemas? Aos brancos interessa o dinheiro. E nós? Querem nos enfraquecer na educação, na saúde e também na organização social.

UNIR, UNI

DOMINGOS, Terena: A luta do Lídio é a nossa luta, de todos os índios. Todos lutando é uma força. Não podem dar ouvido a fazendeiro. Vai ter que lutar até a vitória, como o nosso irmão Sateré.

ADOLFO, Kayowá: Por isso é que nós tamos unidos essa hora para resolver nossos problemas. Unir nosso pensamento, nossa força, esse é o objetivo da UNI. Por causa do nosso interesse, da nossa consciência que o branco não conhece. Olha, isso aí, tem vezes que penso no sono, penso isso a noite, penso amanhendo. Como nós podemos unir para essa luta nossa?

RAIMUNDO, Sateré-Mawé: Estamos fazendo a UNI, a união indígena, para que possamos combater os políticos, os governos, os invasores da nossa terra.

MARÇAL, Guarani: Pra nós índios é muito importante essa reunião porque o destino da nossa raça, da nossa nação indígena está em jogo. Está em jogo de morte, porque se nós não reagirmos, se nós não nos unirmos, o nosso povo vai desaparecer. Essa idéia de união nasceu de muito sofrimento da nossa gente mas ainda é tempo de recuperar, através da união, a força suficiente para nós lutarmos pela nossa sobrevivência, pela redenção da nossa gente aqui na nossa terra, que é o Brasil. Tem muita gente por aí inventando história fantásticas sobre a nossa organização. O chefe do Posto diz que a UNI é uma organização política, que não vale para os índios, que é subversivo, contra a FUNAI, contra a tribo e contra todo mundo. Esse entrave nós vamos quebrar. Essa reunião é pra mostrar que o índio precisa unir. Até aqui o índio vem engatinhando igual uma criança. Essa tem sido a história nossa. O índio tá tão esfacelado, a raça indígena tá tão dividida que não tem mais força. É isso que queremos por fogo. Porque antes nós éramos uma nação forte, uma nação que tinha LIBERDADE, que tinha bastante terra e hoje não tem mais nada. É por isso que temos de unir todas as nações indígenas. Se você ficar sozinho, naturalmente que o fazendeiro vai tirar você de lá. Mas se você unir Terena, Guarani, Kayowá, vai ganhar a causa. Se brigar com a FUNAI, vai ganhar a causa. Se for na conversa da FUNAI, vai perder. Aí você tá MATANDO O SEU PRÓPRIO DIREITO.

O índio tem que reagir. Nós temos que ser malcriados. Se o coronel falar grosso, nós temos que inventar uma voz grossa maior do que dele pra dizer que nós temos direito, nós tamos cobrando o que está dentro do Estatuto do Índio. Nós não fizemos estatuto nenhum, eles fizeram a lei dando direito nosso. Então, tem de cumprir justo e direito. Não podemos baixar a cabeça para fazendeiro, para o branco, para o dono da terra, que ele não é dono da terra coisa nenhuma. Para o invasor, a borduna da lei em cima dele. Gente do Piracua não fica quieto não. Vocês não vão ficar quieto. Chama o patrício que está nas fazendas, chama os índios lá, amonta, faz bastante gente e quando o fazendeiro chegar lá, mete o pau nele. Nós somos os verdadeiros brasileiros.



LINO, Miranha: Eu acredito que, no caso da UNI, por sinal uma entidade que está bem criança, está precisando levantar e começar os primeiros passos agora. Então a coisa mais importante que eu acredito que deve ser feito é o serviço de base. Fazer um serviço de base para conscientizar o índio para os direitos que ele tem. O serviço de base, eu acho que é uma peça fundamental para a UNI crescer forte. Só quem sente a realidade dos índios é o próprio índio. A FUNAI nós temos de ter cuidado. Eu não tou sabendo se a FUNAI é um órgão de defesa do índio ou um quartel de exército.

ESPERANÇA E LUTA

MARIA DE LOURDES, Terena: Estou participando com muita alegria dessa reunião. Toda a vida a gente tem que lutar. O importante é não desanimar no caminho. Nossa luta não é vã, é uma verdade. Estamos lutando e vamos lutando até o fim. Deus está sempre do lado dos pobres que somos nós índios.

Eu acho que somos povos mais privilegiados diante de Deus. É importante cada dia, reafirmar a nossa esperança. Com fé, esperança e bastante coragem. Quando for preciso morrer. Não ter medo de morrer como afirmação, como acabei de falar.

REGINALDO MIGUEL, Terena: Única finalidade de trazerem nossos problemas para essa reunião é a união, a luta. Somos conscientes pelo motivo que nos trouxe aqui. O que nos trouxe aqui é o nosso interesse. E quem sabe o nosso interesse? Para saber o interesse do índio, a situação dos índios é

preciso que alguém ou que nós vivamos entre os índios, sofrendo com eles, sentindo as necessidades deles, do contrário não vamos saber o que está acontecendo. Então eu acho que foi isso que levou a existir a UNI. Podemos dizer graças a Deus pela existência da nossa organização. E também graças a Deus porque sabemos que nossos pais, nossos avós, lutaram para esse ideal. Estamos prontos para acompanhar a UNI, ainda que com ameaças de perseguições, contudo o que vier. Nossa palavra de gratidão a Deus e aos que se fazem presentes nesta tarde, conscientes de nossa luta.

ANTONIO PEREIRA, Kayowá: Primeira vez que vim participar. Tenho o mesmo sentimento, precisamos lutar, ajudar uns aos outros. Precisamos unir. Uma pessoa não vai resolver nada. Por isso nós luta para nós melhorar a nossa situação.

Peço a Deus para que não perca a esperança de vencer. **ELIAS ANTONIO, Terena:** Sou da aldeia Cachoeirinha, município de Miranda. Ouvi muitas reclamações dos nossos irmãos. Espero que vocês levem, como Moisés, o nosso povo até o fim. Esta luta não é fácil. Vi como vocês têm coragem.

Há muitos problemas na nossa área, crianças fumando, bebendo - será que o capitão não enxerga? Espero unir os quatro capitães de lá. Os brancos não podem vender pinga, mas tão vendendo lá. Não sei se o capitão não enxerga.

RAIMUNDO, Sateré-Mawé: Os 17 coronéis da FUNAI não vão poder derrubar a nossa união. Se batalharmos vai chegar o dia de ser um só pensamento. Estamos no começo ainda, mas vai ser grande, mediante a nossa união.